

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
PAUL VECCHIALI, FAZER CINEMA NA DIAGONALE / JEAN-CLAUDE BIETTE – O
TEATRO DAS MATÉRIAS
14 e 28 de Fevereiro de 2025**

ECCO HO LETTO / 1966

Um filme de Jean-Claude Biette

Realização e Argumento: Jean-Claude Biette / Montagem: Roberto Perpignani e Jean Eustache / Interpretação: Giuseppe Saltini, Isabel Ruth, Ninetto Davoli, etc.

Cópia: 35mm, preto e branco, falada em francês e italiano com legendagem electrónica em português / Duração: 15 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

LA PARTENZA / 1968

Um filme de Jean-Claude Biette

Realização e Argumento: Jean-Claude Biette / Interpretação: Giuseppe Bertolucci, Gianluigi Calderoni.

Produção: ID Cinematográfica / Produtor: Gian Vittorio Baldi / Cópia: Digital, preto e branco, falada em francês e italiano com legendagem electrónica em português / Duração: 12 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

CE QUE CHERCHE JACQUES / 1970

Um filme de Jean-Claude Biette

Realização e Argumento: Jean-Claude Biette / Interpretação: Howard Vernon, Michèle Moretti, Thierry Ollu, Françoise Lebrun.

Cópia: digital, preto e branco, falada em francês com legendagem electrónica em português / Duração: 15 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

LA SOEUR DU CADRE / 1972

Um filme de Jean-Claude Biette

Realização e Argumento (baseado numa história de Robert Louis Stevenson): Jean-Claude Biette / Direcção de Fotografia: Guy Gilles / Montagem: Claudine Merlin / Interpretação: Françoise Lebrun, Benoit Jacquot, Aline Issermann, etc.

Cópia: Digital, preto e branco, falada em francês com legendagem electrónica em português / Duração: 17 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

No seu livro sobre Jean-Claude Biette, Pierre Léon inclui na filmografia do autor uma curta-

metragem de 1961 (Biette não teria mais de 17/18 anos), **La Poursuite**, dada como perdida. Na falta desse exercício de adolescência, os quatro filmes desta sessão são a forma de encontrar o rasto do Biette de juventude, os quatro exercícios que precederam a estreia na longa-metragem com **Le Théâtre des Matières**, em 1977. Já agora, Léon menciona ainda dois filmes, produzidos por Gian Vittorio Baldi (o produtor de **La Partenza**), que realizou durante a sua estada em Itália, dois documentários muito curtos que terão sido feitos a pensar na televisão, sobre dois poetas italianos, Attilio Bertolucci (o pai de Bernardo e Giuseppe, que é, este último, um dos actores de **La Partenza**) e Sandro Penna. Mas estes dois filmes são hoje, aparentemente, invisíveis.

Se já é um pouco labiríntica esta introdução, sobretudo na forma como desvela teias de relacionamentos (a família Bertolucci, no caso), a curiosidade maior destes filmes está, de facto, na introdução ao labirinto do Biette realizador, um labirinto que os espectadores de hoje terão fresco na memória. O rasto da influência pasoliniana (a presença de Ninetto Davoli em **Ecco Ho Letto**), o rasto da proximidade com Jean Eustache (montador de **Ecco Ho Letto**, e depois a presença de Françoise Lebrun, futura heroína de **La Maman et la Putain**, filme em que o próprio Biette tem uma pequena participação, em **Ce Que Cherche Jacques** e **La Soeur du Cadre**), o encontro com figuras fundamentais da obra de Biette em longa-metragem (o caso de Howard Vernon, chamado pela primeira vez em **Ce Que Cherche Jacques**, filme que se destaca ainda pela presença em diferentes funções de vários futuros realizadores, como Guy Gilles, Benoit Jacquot, Aline Issermann). Não é *name dropping*, é antes uma boa medida da “rede” e das associações de Biette – e faltava mencionar Adriano Aprà, célebre crítico e historiador italiano, recentemente falecido, bem conhecido dos espectadores esta Cinemateca, como um dos colaboradores de **Ecco Ho Letto**. Curiosamente, encontraremos os dois, Biette e Aprà, uns anos mais tarde, como actores de um filme romano de Straub e Huillet, **Othon**.

A pista italiana é, de resto, de suma importância. Biette falou disso, em entrevistas: saiu de Paris em 1965, para fugir à incorporação obrigatória no exército, e no dia em que se devia apresentar no quartel apanhou um comboio para Roma. Porquê Roma? *“Porque sentia que, naquele momento, era em Itália que o cinema se passava”* – não era só Pasolini, era também o cinema dos seus “filhos”, Bernardo Bertolucci e Marco Bellocchio. Não deixa de ser curioso – e voltamos às associações e às rimas e aos encontros fortuitos que se tornam pré-determinados – que também tenha encontrado uma portuguesa, Isabel Ruth, actriz (e num papel proeminente) de **Ecco Ho Letto**, que também tinha partido para Itália movida pela mesma sensação, a de que nesse país estava (e eram os anos do que já se podia chamar o pós-nouvelle vague) o centro mais entusiasmante do cinema europeu. Pensar nisso é reparar a que ponto esse primeiro filme – com todos os seus toques autobiográficos codificados e camuflados – transporta para Itália um pouco do espírito da nouvelle vague: a narração “off” na primeira pessoa, tão cultivada por Truffaut (sobretudo, mas não só), ainda é mais nouvelle vague do que Biette, para o dizer assim. Mas é o interesse principal – sobretudo na passagem dos dois filmes italianos aos dois filmes franceses, os dois filmes do “regresso” – de uma sessão com este alinhamento, ver a formação (no sentido estrito do termo) de um cineasta. **Ce que Cherche Jacques**, com a sua relação com universos literários (portanto, duplicações, aliterações, espelhos, reflexos, “teatro das matérias”), parece já mesmo uma antecâmara razoavelmente definida. Mas era um filme que Biette não apreciava (apesar do sucesso relativo: ganhou um prémio de festival e teve distribuição comercial), considerando estar a entrar num beco sem saída. Em breve, veria o **Femmes Femmes** de Paul Vecchiali, que teve o efeito de uma iluminação. O resultado dessa iluminação, vimo-lo ao longo do mês passado, na forma das sete longa-metragens realizadas por Jean-Claude Biette.

Luís Miguel Oliveira